



A DOMINAÇÃO HELENÍSTICA E A REVOLTA DOS MACABEUS

INTRODUÇÃO

Após o período persa, o povo judeu entrou em uma nova etapa de sua história: a dominação helenística. Esse período começou com as conquistas de Alexandre Magno e marcou profundamente a vida política, cultural e religiosa da Judeia.

A dominação helenística não significou apenas uma mudança de governo. Ela trouxe consigo uma nova língua, novos costumes, novas cidades, novos modelos de educação, novas formas de arte e também novas tensões religiosas. Para muitos judeus, a cultura grega parecia atraente e moderna. Para outros, ela representava uma ameaça direta à fé de Israel, à Lei de Moisés e ao culto do Templo de Jerusalém.

Essa tensão chegou ao seu ponto mais grave no tempo do rei selêucida Antíoco IV Epífanes, que tentou impor práticas pagãs aos judeus e profanou o Templo. Diante disso, surgiu a revolta dos Macabeus, um dos momentos mais importantes da história judaica antes de Cristo.

LINHA DO TEMPO

- 336 a.C. = Alexandre Magno sucede Felipe II como rei da Macedônia.
- 331 a.C. = Jerusalém passa para o domínio de Alexandre.
- 323 a.C. = Morte de Alexandre na Babilônia.
- Séculos III-II a.C. = A Palestina é disputada entre ptolomeus e selêucidas.
- 175-163 a.C. = Reinado de Antíoco IV Epífanes.
- 169-167 a.C. = Saque, perseguição religiosa e profanação do Templo.
- 167 a.C. = Início da revolta judaica liderada por Matatias.
- 166-160 a.C. = Liderança de Judas Macabeu.
- 164 a.C. = Purificação e reinauguração do Templo de Jerusalém.
- Após 164 a.C. = Festa de Hanukkah e fortalecimento da identidade judaica.

1. ALEXANDRE MAGNO E A EXPANSÃO HELENÍSTICA

No ano 336 a.C., Alexandre Magno sucedeu seu pai, Felipe II, rei da Macedônia. Felipe havia conseguido reunir grande parte da Grécia sob o domínio macedônico. Alexandre, ainda muito jovem, herdou esse poder e iniciou uma das maiores campanhas militares da Antiguidade.

Movido pelo desejo de glória e expansão, Alexandre atacou o imenso Império Persa. Em poucos anos, conquistou regiões vastíssimas: a Ásia Menor, a Síria, o Egito, a Mesopotâmia e outras partes do Oriente. Jerusalém passou para o domínio de Alexandre por volta de 331 a.C.

Alexandre morreu jovem, na Babilônia, em 323 a.C., com apenas 33 anos. Apesar de sua morte precoce, suas conquistas mudaram profundamente o mundo antigo. A partir dele, a cultura grega espalhou-se pelo Oriente, dando origem ao chamado mundo helenístico.

2. A DIVISÃO DO IMPÉRIO DE ALEXANDRE

Depois da morte de Alexandre, seus generais disputaram o controle do imenso império. Após cerca de vinte anos de guerras e rivalidades, o território foi dividido entre diferentes dinastias.

De modo geral, formaram-se três grandes áreas de poder:

- Grécia e parte da Ásia Menor: domínio ligado a Antígono e seus sucessores.
- *Síria e Mesopotâmia*: domínio dos selêucidas, descendentes de Selêuco.
- *Egito*: domínio dos ptolomeus, descendentes de Ptolomeu.

A Palestina ficou numa posição delicada, pois estava situada entre dois grandes centros de poder: a Síria selêucida ao norte e o Egito ptolomaico ao sul. Por isso, a região foi disputada durante muito tempo. Inicialmente ficou sob influência dos ptolomeus, mas depois passou ao domínio dos selêucidas, especialmente a partir do final do século III e início do século II a.C.

3. O QUE FOI O HELENISMO?

O helenismo foi a difusão da cultura grega pelo mundo conquistado por Alexandre e seus sucessores. Não se tratava apenas de uma questão política, mas de uma verdadeira transformação cultural.

Entre as principais características do helenismo, podemos destacar:

- A língua grega tornou-se a língua comum do comércio, da administração, da filosofia e da comunicação intelectual.
- Novas cidades foram construídas segundo o modelo grego, com praças públicas, templos, teatros, ginásios e estádios.
- A educação grega passou a influenciar as elites locais.
- A arte, a arquitetura e a filosofia gregas espalharam-se pelo Oriente.
- Muitos povos passaram a adotar nomes, costumes e práticas sociais gregas.

Para os judeus, esse processo foi ambíguo. Por um lado, o contato com a língua grega permitiu a difusão das Escrituras, como se vê na tradução grega da Bíblia, conhecida como Septuaginta. Por outro

lado, a mentalidade helenística podia entrar em conflito com a fé judaica, sobretudo quando ameaçava a Lei, a circuncisão, o sábado, a pureza ritual e o culto ao Deus único.

4. JUDAÍSMO E HELENISMO

A convivência entre o judaísmo e o helenismo gerou tensões profundas. Alguns judeus, especialmente entre as elites, viam a cultura grega como sinal de progresso. Outros, mais fiéis à tradição dos pais, consideravam perigosa a assimilação aos costumes pagãos.

O problema não estava simplesmente em falar grego ou conhecer a cultura grega. O conflito surgia quando a helenização exigia o abandono da fé de Israel.

O judaísmo era fundado na Aliança com Deus, na Lei de Moisés, na observância do sábado, na circuncisão, na pureza alimentar e no culto do Templo. Já o mundo helenístico era marcado pelo politeísmo, pelos cultos pagãos, pelos jogos, pela nudez nos ginásios e por uma visão religiosa muito diferente da fé bíblica.

Assim, o povo judeu começou a enfrentar uma pergunta decisiva: até que ponto era possível viver em contato com a cultura grega sem perder a própria identidade religiosa?

5. ANTÍOCO IV EPÍFANES E A PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA

O conflito atingiu seu ponto mais dramático durante o reinado de Antíoco IV Epífanes, rei selêucida que governou entre 175 e 163 a.C.

Antíoco IV tentou fortalecer seu poder impondo maior unidade cultural e religiosa aos povos sob seu domínio. No caso dos judeus, isso significou uma intervenção violenta na vida religiosa de Jerusalém.

Segundo os livros dos Macabeus, Antíoco saqueou o Templo, tomou seus tesouros e profanou o santuário. Ele proibiu práticas fundamentais da fé judaica, como a circuncisão, a observância do sábado e o culto tradicional. Os judeus foram obrigados a sacrificar aos ídolos e a participar de práticas contrárias à Lei de Deus.

Foi a primeira grande perseguição religiosa sofrida pelos judeus por causa de sua fidelidade à fé. Muitos abandonaram a Lei e aderiram aos costumes pagãos. Outros, porém, permaneceram fiéis, mesmo diante da ameaça de morte.

Nesse contexto surgiram mártires, cujo testemunho se tornou exemplo de fidelidade. A perseguição de Antíoco mostrou que a fé verdadeira não é apenas uma tradição exterior, mas uma adesão profunda a Deus, capaz de resistir até diante da violência.

6. A PROFANAÇÃO DO TEMPLO

A maior ofensa cometida por Antíoco IV foi a profanação do Templo de Jerusalém. O Templo era o centro da vida religiosa de Israel. Ali se ofereciam os sacrifícios, celebravam-se as grandes festas e se reconhecia a presença de Deus no meio do povo. Profanar o Templo significava atacar o coração da fé judaica.

Antíoco mandou instalar no Templo um culto pagão, associado a Zeus Olímpico. O altar do Senhor foi profanado e o culto judaico foi interrompido. O livro de Daniel chama esse acontecimento de “abominação da desolação”.

Essa expressão indica uma profanação extrema: aquilo que era santo foi ocupado por uma prática idolátrica. O lugar consagrado ao Deus de Israel foi transformado em espaço de culto pagão.

Para os judeus fiéis, isso foi intolerável. A profanação do Templo tornou-se a gota d’água que levou à revolta.

7. MATATIAS E O INÍCIO DA REVOLTA

A resistência começou com um sacerdote chamado Matatias, da família dos Hasmoneus. Ele vivia em Modin e era profundamente zeloso pela Lei de Deus e pelo Templo.

Quando os representantes do rei tentaram obrigar os judeus a oferecer sacrifícios pagãos, Matatias recusou-se. Ele não aceitou abandonar a Aliança nem participar da idolatria. Sua atitude tornou-se o início de uma revolta popular.

Matatias fugiu para as montanhas com seus filhos e outros judeus fiéis. Seus cinco filhos eram João, Simão, Judas, Eleazar e Jônatas.

Depois da morte de Matatias, a liderança da revolta passou para seu filho Judas, chamado Macabeu. O nome “Macabeu” provavelmente significa “martelo”, indicando sua força e coragem na luta contra os opressores.

8. JUDAS MACABEU E A LUTA PELA FÉ

Judas Macabeu liderou a resistência judaica entre 166 e 160 a.C. Ele não lutava apenas por independência política, mas sobretudo pela liberdade religiosa.

Seu objetivo era restaurar o culto ao Deus de Israel, purificar o Templo e defender a Lei de Moisés. As batalhas dos Macabeus foram marcadas por grande desigualdade militar: os judeus tinham menos recursos, menos soldados e menos poder político. No entanto, a narrativa bíblica apresenta sua luta como sustentada pela confiança em Deus.

Os livros dos Macabeus mostram que a vitória não dependia apenas da força humana, mas da fidelidade ao Senhor. A oração, a penitência e a confiança em Deus aparecem como elementos centrais da resistência.

9. O MARTÍRIO DA MÃE E DOS SETE FILHOS

Um dos episódios mais impressionantes desse período está em 2Macabeus 7: o martírio de uma mãe e seus sete filhos.

Antíoco tentou obrigá-los a comer carne de porco, alimento proibido pela Lei judaica. Eles se recusaram, preferindo morrer a desobedecer a Deus. Um por um, os filhos foram mortos diante da mãe. Ela, porém, permaneceu firme, sustentada pela esperança no Senhor.

O texto destaca que a mãe suportou tudo com heroísmo porque sua esperança repousava em Deus. Um dos filhos afirma que seus irmãos participam agora da vida eterna.

Esse episódio é muito importante porque mostra de modo claro a fé na ressurreição. Os mártires não viam a morte como derrota final. Eles acreditavam que Deus, justo e fiel, concederia a vida eterna aos que morressem por sua Lei.

Assim, os mártires macabeus tornaram-se testemunhas da fidelidade a Deus e da esperança na ressurreição.

10. A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO E A ORIGEM DE HANUKKAH

Em 164 a.C., Judas Macabeu conseguiu retomar Jerusalém e purificar o Templo profanado.

O altar pagão foi removido, o santuário foi purificado e o culto ao Senhor foi restaurado. A reinauguração do Templo tornou-se motivo de grande alegria para o povo judeu.

Esse acontecimento deu origem à festa de Hanukkah, também chamada Festa da Dedicção ou Festa das Luzes. Até hoje, os judeus celebram essa festa em memória da purificação do Templo e da vitória da fidelidade sobre a idolatria.

A purificação do Templo não foi apenas um gesto político. Foi um ato profundamente religioso. Significava dizer que Deus continuava presente no meio do seu povo e que a Aliança não havia sido destruída pela violência dos inimigos.

11. A AJUDA DOS ANJOS

Os livros dos Macabeus também narram intervenções extraordinárias em favor dos judeus.

Em 2Macabeus 10, diante do exército de Timóteo, Judas Macabeu e seus companheiros rezaram ao Senhor, lançando terra sobre a cabeça e vestindo cilício, sinal de penitência. Durante a batalha, apareceram homens resplandecentes sobre cavalos, auxiliando os judeus e protegendo Judas Macabeu.

Em outro momento, quando Lísias avançou com grande exército, os judeus viram um homem a cavalo, vestido de branco, com armas de

ouro e brandindo uma lança. Essa visão encheu os combatentes de coragem.

A tradição cristã viu nesses relatos um sinal da assistência divina. Alguns intérpretes associam essa figura angelical a São Miguel, protetor do povo de Deus no Antigo Testamento.

Esses episódios mostram que, para a mentalidade bíblica, a história não é apenas resultado de forças políticas e militares. Deus age em favor do seu povo e pode enviar seus anjos como auxílio aos que permanecem fiéis.

12. O SACRIFÍCIO PELOS DEFUNTOS

Outro episódio muito importante encontra-se em 2Macabeus 12.

Depois de uma batalha, Judas Macabeu mandou recolher os corpos dos judeus mortos para que fossem sepultados junto de seus antepassados. Sob a túnica de alguns deles, foram encontrados objetos consagrados aos ídolos. Isso era proibido pela Lei.

Judas e seus companheiros compreenderam que aqueles homens haviam pecado. Então rezaram por eles e Judas mandou enviar uma coleta a Jerusalém para que fosse oferecido um sacrifício pelo pecado.

O texto afirma que essa foi uma obra santa e piedosa, inspirada pela fé na ressurreição. Daí vem a célebre afirmação: é santo e salutar rezar pelos mortos.

Esse trecho é muito importante para a doutrina católica. Ele mostra que, já no judaísmo anterior a Cristo, havia a prática de rezar pelos defuntos e oferecer sacrifícios em favor deles. A oração pelos mortos está ligada à esperança na misericórdia de Deus e à fé na ressurreição.

13. O LIVRO DE DANIEL E A APOCALÍPTICA

Durante esse período de perseguição, surgiu também uma literatura de consolação e resistência espiritual: a apocalíptica.

O livro de Daniel é o exemplo mais importante desse gênero no Antigo Testamento. Embora ambientado no tempo do exílio babilônico, o livro fala também às comunidades perseguidas do período helenístico.

A apocalíptica utiliza visões, símbolos, números, imagens celestes e linguagem misteriosa para revelar que Deus conduz a história. Mesmo quando os impérios parecem dominar tudo, Deus permanece soberano.

O objetivo da apocalíptica não é alimentar curiosidade sobre o futuro, mas encorajar os fiéis à perseverança. Ela ensina que os poderes deste mundo são passageiros, enquanto o Reino de Deus é eterno.

No contexto da perseguição de Antíoco IV, Daniel oferecia uma mensagem de esperança: os justos perseguidos serão vindicados por Deus, e a fidelidade não será esquecida.

14. CONSEQUÊNCIAS DA REVOLTA MACABEIA

A revolta dos Macabeus teve consequências profundas para o judaísmo.

- *Restauração da liberdade religiosa.* As medidas de Antíoco contra a Lei foram suspensas e o culto judaico pôde ser retomado.
- *Fortalecimento da identidade judaica.* O povo compreendeu que sua fé precisava ser defendida mesmo em meio a pressões culturais e políticas.
- *Origem da dinastia dos Hasmoneus.* Os descendentes dos Macabeus passaram a exercer liderança política e sacerdotal sobre o povo.
- *Herança espiritual forte:* o valor do martírio, a fé na ressurreição, a oração pelos mortos, a importância do Templo e a fidelidade à Lei de Deus.

Esse período prepara, de certo modo, o ambiente religioso do tempo de Jesus. Quando Cristo nasce, o povo judeu já carrega a memória dessas lutas, dessas esperanças e dessas tensões.

15. IMPORTÂNCIA PARA A FÉ CRISTÃ

Para os cristãos, o período macabeu é importante por várias razões.

1. Mostra a fidelidade do povo de Deus em meio à perseguição. Os mártires macabeus antecipam o testemunho dos mártires cristãos, que também preferiram morrer a negar a fé.
2. Fortalece a esperança na ressurreição. A fé expressa em 2Macabeus 7 prepara o caminho para a plena revelação da ressurreição em Cristo.
3. A oração pelos mortos, presente em 2Macabeus 12, ilumina a prática cristã de rezar pelos fiéis defuntos.
4. A purificação do Templo ajuda a compreender a centralidade do culto verdadeiro. No Novo Testamento, Jesus também purifica o Templo e revela que o verdadeiro Templo é o seu próprio corpo.
5. A resistência contra a idolatria permanece atual. Cada geração é chamada a discernir quais poderes, ideias e costumes ameaçam a fidelidade a Deus.

CONCLUSÃO

A dominação helenística foi um período decisivo na história do povo judeu. Ela trouxe grandes transformações culturais, políticas e religiosas. Ao mesmo tempo, provocou uma crise profunda de identidade.

Diante da tentativa de Antíoco IV Epífanes de destruir a fé judaica, muitos cederam. Mas outros permaneceram fiéis. Entre eles destacam-se Matatias, Judas Macabeu, seus irmãos, os mártires e todos aqueles que resistiram em nome da Aliança.

A revolta dos Macabeus não foi apenas uma guerra política. Foi uma luta pela fidelidade a Deus, pela preservação da Lei e pela santidade do Templo. A purificação do Templo em 164 a.C. tornou-se sinal de esperança e deu origem à festa de Hanukkah.

Esse período nos ensina que a fé verdadeira precisa ser cultivada, defendida e testemunhada. Mostra também que Deus não abandona

o seu povo em tempos de perseguição. Mesmo quando os poderes do mundo parecem vencer, a fidelidade dos justos permanece diante de Deus.

Para a fé cristã, a história dos Macabeus aponta para temas fundamentais: o martírio, a ressurreição, a oração pelos mortos, a luta contra a idolatria e a esperança no Reino definitivo de Deus.

No centro de tudo está a certeza de que a história pertence ao Senhor. Os impérios passam, os reis caem, as culturas mudam, mas a fidelidade de Deus permanece para sempre.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA

DONNER, Herbert. *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.2: Da época da divisão do reino até Alexandre Magno. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

DUBOST, Michael (org.) *La storia di Israele*. Milano: Massimo, 1997.

LIVERANI, Mario. *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*. Trad. Orlando Soares Moreira. São Paulo: Paulus: Loyola, 2008.